

publicação deste fascículo duplo da sua revista, a dedicação de três dos seus professores desde a primeira hora, e entretanto chegados à idade da jubilação: Raimundo de Castro Meireles, Ângelo Alves e Bernardo Domingues. Os testemunhos são eloquentes a propósito do seu itinerário humano e intelectual e do seu labor no domínio da formação de várias gerações de estudantes em diferentes instituições. Os artigos desta Miscelânea são a marca da nossa gratidão.

A. C.

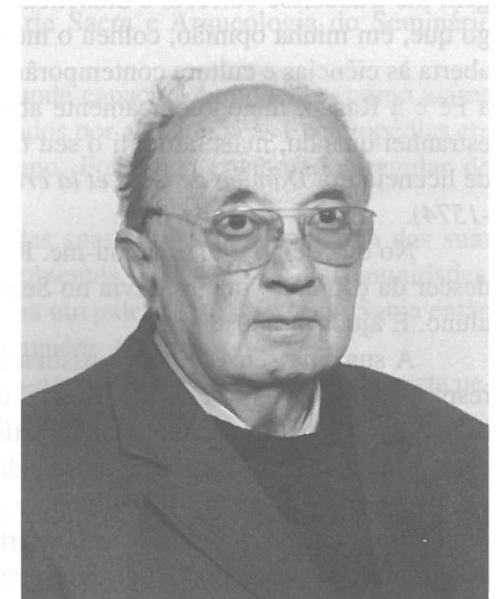
Raimundo de Castro Meireles

Encontrei há dias num velho livro editado em Portugal nos anos 50, uma folha de papel em que propunha ao meu professor de então – julho que de Sociologia – duas hipóteses para um trabalho escolar: a “Encíclica *Mater et Magistra*” e a “Sociologia do Cinema”. Sobre a primeira hipótese traçou uma cruz e ao lado da segunda escreveu “Ótimo”.

Era ele o Dr. Castro Meireles.

Havendo estudado em Lovaina, o laboratório das Sociologias e afins, na Bélgica, o berço da pastoral operária e do método de Revisão de Vida que o Vaticano II consagraria, lembro-me bem, que me surpreendeu com a decisão: que preferisse a temática do Cinema – estávamos nos anos 60! – à de um pequeno estudo sobre a *Mater et Magistra* acabada de publicar, com espanto praticamente de todo o Mundo.

Claro que, temeroso, propusera o Cinema porque se tratava daquele professor. Não me lembro nada de como fiz o trabalho, muito menos da classificação que me deu.



Era o Dr. Meireles – assim me aparecia – um homem aberto e culto, perceberia depois que dotado de uma fina sensibilidade artística e de uma subtil capacidade didáctica. Era e é homem de interessantes e sábias sínteses que deixou espalhadas por inúmeros artigos, nomeadamente em algumas entradas das Enciclopédias Verbo e Polis.

E sínteses que lhe não terão sido fáceis, a julgar da maneira como tentava contrastar-se com opiniões de segundos e terceiros e o modo como conseguia escrever os textos, metodologicamente modelares, a partir do amontoado e desarrumado dos materiais que recolhia. Poderia recordar agora os editoriais que publicava na *Voz Portucalense* de que foi Director.

Na sala de aulas, tanto como no escrito, lhe admirava a sábia arte de explicar: “digamos assim” era a expressão que lhe conhecíamos todos quando abandonava a exposição e começava a explicação, o que lhe era frequente. Nunca o percebi apodítico; mas esforçava-se por que a linguagem lhe traduzisse correcta e didacticamente o pensamento. Um pedagogo que, em minha opinião, colheu o melhor da Universidade de Lovaina, aberta às ciências e cultura contemporâneas, num esforço de diálogo entre a Fé e a Razão, metodologicamente aberta a novos procedimentos. Não estranhei quando, mais tarde, li o seu trabalho ali apresentado como tese de licenciatura *Damien de Gois et la crise spirituelle du XVI siècle (1501-1574)*.

No que deixo dito, marcou-me. Reconheço-o e agradeço-lho. Sabia descer da cátedra – que as havia no Seminário da Sé do meu tempo – ao aluno. E ajudava-o a subir.

A sua fina sensibilidade artística que acima referi deixou marca e respira-se hoje ao entrar na Sé Catedral do Porto. Recolhendo e dispondo sabiamente o melhor de uma tradição artística recebida do passado e, antes dele, esquecida pelos cantos ou diminuída por amontoada, percebe-se hoje na Igreja-mãe diocesana um ambiente verdadeiramente sagrado que – diria Otto – “nos é estranho e desconcerta, e que está absolutamente fora do domínio das coisas habituais, compreendidas e, por conseguinte, bem conhecidas, familiares”.

Creio bem que é este o maior e melhor contributo que deixa – e continuará a garantir – à sua diocese do Porto. A Catedral, a igreja da *sedis* episcopal, pelo seu alto valor simbólico e modélico, merece o melhor cuidado e carinho: ela e a sua Liturgia. A Catedral do Porto está redignificada e ao Dr. Castro Meireles o deve. Soubesse a Diocese perceber este seu contributo de qualidade!

* * *

O Dr. Raimundo António de Castro Meireles Machado nasceu em 1929 na freguesia de Boim, Lousada, e estudou no Seminário do Porto.

Ordenado presbítero em 1952, foi secretário do Sr. D. António Ferreira Gomes e partiu depois para Lovaina tendo sido aluno, entre outros, dos Professores Roger Aubert, Van Steenberghe, J. Dopp e J. Lavalleye. A sua Memória de licenciatura, sob a direcção de H. Vogt, acima citada, é de 1956.

Regressado à Diocese, foi Professor no Seminário Maior do Porto, no ICHT, no Centro de Cultura Católica, e na Faculdade de Teologia da Universidade Católica (Porto).

A par, foi sendo Capelão do Colégio de Nossa Senhora da Paz, Assistente da ACI (Acção Católica para os Meios Independentes), Director da *Voz Portucalense* e Reitor da igreja do Carmo.

Cónego da Sé do Porto, organizou ainda o seu Museu-Tesouro, bem como reorganizou o Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior da Diocese.

Homem de sínteses e de grande capacidade didáctica, como acima referi, deixou escritos seus espalhados por aí. Citei já as Enciclopédias em que colaborou e o jornal diocesano. Foi ainda colaborador regular do *Primeiro de Janeiro*.

Admirava-lhe ainda outra das suas facetas, melhor, uma das suas melhores facetas mas noutros ambientes: por lugares e Comunidades, Congressos ou Semanas mesmo, era um palestrante de mérito. Sabia então usar o *slide* ou a gravura como ninguém. A ilustrar.

Como aluno devedor, alegro-me por participar deste modo nesta pequena homenagem da Humanística e Teologia ao Sr. Dr. Meireles, professor jubilado.

ARLINDO DE MAGALHÃES RIBEIRO DA CUNHA